Entrevista de **Cristina Figueiredo** e **Vítor Rainho**
Fotografias actuais de **Alberto Frias**

"Sou um animal feroz"

O homem que quer ser o próximo primeiro-ministro não gosta de revelar demasiado da sua biografia. O retrato de José Sócrates

O que recorda da infância?
Encontro-me de certa forma ligado a três localidades. A terra do meu pai, Vilar de Maçada, em Alijó, o Porto, onde nasci há 46 anos, e a Covilhã. Esta história da terra vai-se metendo debaixo da pele, não sai. Grande parte da minha cultura é transmontana. Ia muito à aldeia do meu pai, onde havia o sentimento bairrista, do amor à terra. Por outro lado, também estava muito ligado à Covilhã, pelo que a terra tem de bom e de mau. O meu pai tinha uma profissão liberal, era arquitecto e dava aulas, e a minha mãe era doméstica. Tive uma irmã mais velha que morreu e tenho outro irmão, mais novo.

Mas o que se lembra da infância?
De duas coisas: do meu professor da escola primária, muito exigente, que me preparou muito bem e que recordo com muita saudade; e de ser filho de pais divorciados. Tinha 7, 8 anos e fiquei com o meu pai; os meus irmãos com a minha mãe. Naquela altura, existia um estigma forte sobre o divórcio.

Até quando viveu na Covilhã?
Até aos 16 anos. Depois deu-se o 25 de Abril e, no ano seguinte, fui estudar para Coimbra. Fui de boleia com o Luís Patrão e chegámos no dia 25 de Novembro de 1975. Fomos logo discutir política para o Gil Vicente. Era uma época muito animada.

Como foi parar a Engenharia?
O meu pai é arquitecto e tem aquele discurso de que os engenheiros é que ganham bem a vida. Como tinha boas notas a matemática o meu pai achou que

O candidato à liderança do PS no terraço do Hotel Chiado, onde decorreu a entrevista

seria uma boa solução. É um erro muito vulgar. A inclinação para a matemática não pressupõe uma inteligência concreta, mas sim abstracta.

A decisão foi do seu pai?

Sim, na altura entregávamo-nos muito às decisões dos pais.

Quando se começou a interessar por política?

No antigo 7º ano **(final do ensino secundário completo)** começámos a ler textos com densidade filosófica e política, tínhamos uma cadeira de organização política. Isto em 73, 74. O meu pai também fazia parte de um grupo ligado aos profissionais liberais que tinha uma grande paixão pela ala liberal que se estava a firmar na Assembleia da República, no sentido da mudança que o regime prometeu inicialmente mas tardava em concretizar. O ambiente lá de casa era um ambiente de «Seara Nova».

Qual era a sua visão do mundo aos 16 anos? Viajava?

Era uma visão muito limitada. As viagens que fazíamos eram até Espanha, no máximo. Viajava muito para o Porto, Trás-os-Montes. Ir ao estrangeiro era ir a Espanha; dormir lá uma noite já era uma grande aventura. Só fui ao estrangeiro — a França — pela primeira vez aos 20 anos. Fui fazer as vindimas, três semanas que não esquecerei. Já significava uma grande abertura dos quadros liberais.

Partiu à aventura.

Sim, à aventura. Gosto muito, com certeza, de aventura. Miguel Torga fala da aventura como sendo «partir, não chegar». Lá está. Não sei se se lembram de um romance muito famoso, do Sartre, que falava justamente de vadiar. Na altura eram palavras que me soavam bem, vadiar, ver mundo e sonhar. A aventura. Para França fui à boleia, com uma mochila e um amigo. Quando chegámos à fronteira entre Espanha e França não nos deixaram passar. Tínhamos pouco dinheiro e não dava para chegarmos à quinta onde estava o nosso contacto. Apetecia-me voltar para trás, não estava habituado a passar tantos dias fora, e ainda por cima a cuidar de mim. Queria ter a minha mãe por perto a tratar da roupa... Mas, pedimos dinheiro emprestado a uns portugueses que estavam connosco e lá conseguimos passar. Foi aí que bebi pela primeira vez vinho tinto.

Quando voltou o que foi fazer?

Regressei à Covilhã, onde fiz uns anos de engenharia na Câmara. Em 1983, candidatei-me a secretário coordenador da Federação de Castelo Branco. Por uma birra pessoal... A vida faz-se de pequenos nadas.

A sua vida é só política? É assim tão desinteressante?

Não, de todo.

...Em jovem teve carro?

Muito tarde, depois de ter começado a trabalhar. Comprei um Mercedes em segunda mão... Alguma vez leram um livro de Erich Maria Remarque chamado **Uma Noite em Lisboa**? No romance ele fala de uma viagem da Alemanha para Lisboa ao volante de um Mercedes e da excelência do carro. Quando arranjei dinheiro para comprar um carro... comprei um Mercedes. Tinha 24 anos e andei muito tempo com ele.

Ia ao cinema?

Ouça, eu era um cinéfilo. Toda a gente o era. Havia grandes discussões ideológicas sobre os filmes. Eu protestava contra a politização da arte. Tudo era política e eu protestava contra isso, tudo era explicado pela teoria marxista, até a vida sexual do porco espinho... Gostava muito de Fellini, cinema belga, inglês, magnífico... Lembram-se da **Golpada**? Fabuloso. Isso é que era cinema.

Nunca teve desilusões amorosas?

Sim, como toda a gente. Mas nunca fui dado a depressões. Quando me acontece alguma coisa não penso em matar-me, penso sempre em matar outra pessoa **(risos)**.

Até essa altura nunca foi confrontado com a morte de alguém próximo?

Não, isso é muito mais tarde, em 1988, com a morte da minha irmã. Fez diminuir o meu entusiasmo pela vida. Era muito alegre, mas a morte da minha irmã modificou-me. Nessa altura, houve um texto que me ajudou muito, do Voltaire. O texto contava a história de uma conversa de um velho filósofo com uma jovem senhora que

A morte da minha irmã, em 1988, **fez diminuir o meu entusiasmo pela vida**. Eu era muito alegre

Em Estocolmo, em 1998, vestido a rigor para a entrega do Prémio Nobel a José Saramago. Na página ao lado, aos dois anos, em Vilar de Maçada, com a irmã, Ana Maria

então, erigir uma estátua: ao tempo (que tudo apaga). Uma história bonita, não é?

Acha que o tempo apaga tudo?

Ajuda muito.

Há quem diga que aceita mal as críticas.

Sou sanguíneo, admito. A crítica é um elemento fundamental do espírito e procuro compreendê-la e aceitá-la. Sabe, os jornalistas são sempre os primeiros a achar que os outros devem aceitar bem a crítica, mas são o grupo social que é menos criticado.

Como foi parar à JSD?

Em 1974. Estávamos numa altura de engajamento, militância, aí não era só pensamento, era também acção. Era preciso fazer, contribuir. Na altura li um livro de Eduard Bernstein que me impressionou muito. Era a doutrina social-democrata que ali estava. Era a compatibilização da perspectiva marxista, da luta de classes e da igualdade social, mas com a democracia. Achei que estava ali o segredo para a mudança.

Mas foi para a JSD por ser «betinho»?

Não, nunca ninguém me considerou betinho. Inscrevi-me, sem ter grande consciência política, no primeiro partido que vi que falava de social democracia. Mais tarde percebi que estava errado, pois eles estavam muito ligados à direita. Longe dos valores de esquerda que eu defendia. Saí um ano depois. Uns anos mais tarde, já regressado à Covilhã, inscrevi-me no PS.

Alguma vez deixou de fazer algo de que gostasse por ser político?

Nunca. Não gosto de vida social, tenho algum cansaço público e não deixo que as revistas entrem na minha intimidade.

É um carreirista?

Não sei como se pode fazer política sem se fazer carreira. O carreirismo político é visto como cálculo. A verdade é que não faço nada baseado no cálculo. Muitas vezes não fiz aquilo que beneficiaria mais a minha carreira, mas aquilo que era a minha convicção. Quem pretende transformar a política num exercício calculista engana-se. A política é simples incerteza. Aqueles que falam e dizem o que os outros querem ouvir são os amantes do «kitsch» político. Não criam nada, não têm o gosto por aquilo que é a ousadia da proposta política, que tem sempre uma dose de incerteza. É preciso estar na política com desprendimento. O carreirista não está na política com desprendimento, está sempre a pensar em manter o seu lugar.

Imagina-se a fazer outra coisa sem ser política?

Então não imagino? Pode não acreditar mas tenho qualidade, mérito e currículo para isso. De tal forma que este ano estou a fazer o mestrado em Gestão de Empresas. Só me falta o 4º trimestre para acabar. Acha que alguém que está a pensar candidatar-se a líder de um partido se inscrevia num mestrado?

Mas não conhece pouco da vida para além da política?

A política está cheia de casos de insucesso, amadores, gente que nada sabe. A política precisa de experiência, tem que ter o pulsar da vida. Tenho uma experiência profissional que fui cultivando. Não fazem ideia da quantidade de pessoas que conheço e das situações em que as conheci. Isso faz

estava na maior das tristezas porque tinha um amor que não lhe era correspondido. O filósofo tenta animá-la explicando-lhe que ela não tinha razões para estar em tal sofrimento, pois quem tinha razões para isso eram as mulheres que tinham visto os maridos decepados, os filhos mortos na sua presença. Essas palavras não tiveram qualquer efeito positivo na jovem. O velho filósofo foi para casa a pensar nisso e quando chegou a casa teve a notícia da morte do seu filho mais dilecto. Um ano depois voltaram a encontrar-se e ficaram espantados por ambos estarem tão felizes. Decidiram,

Fui ao estrangeiro **pela primeira vez aos 20 anos**. Durante três semanas fui fazer as vindimas a França

parte do trabalho político, eu próprio sou resultado disso.

Voltou a conduzir?

É verdade, era uma coisa que me dava imenso prazer e que quando estive no Governo não podia fazer. Era uma pressão de manhã à noite. Mal saía de casa era o Estado que tomava conta de nós. Quando entrava no carro parecia que era absorvido, sugado, pelo Estado, tinha logo motorista.

Mas se se sentia sugado por que razão quer voltar ao Governo?

Quando digo sugado é numa lógica de trabalho, de manhã à noite, de stresse.

Nessa altura teve necessidade de ir para um ginásio.

Não, o que se passou foi o seguinte: a seguir à campanha eleitoral disse a toda a gente que ia deixar de fumar no dia 31 de Dezembro de 1999. Ninguém acreditou. Nos meses seguintes a deixar de fumar comecei a engordar e assustei-me. Íamos ter a presidência portuguesa da União Europeia, eu estava no Ambiente, então comecei a fazer desporto no Clube do Stress e tornei-me um fanático do «jogging» — íamos às sete da manhã para o Estádio Nacional. Nessa altura, levava os meus dois filhos à natação e nadava também com eles. Depois aproveitei para levantar pesos, que é uma coisa que recomendo. Há músculos que só mexemos mesmo nessas alturas.

Não admite que se urbanizou?

Não, apenas admito que fui fazer aquilo que sempre me deu gozo fazer. Sempre fui um desportista, fiz quatro anos de esgrima na Associação Académica de Coimbra e também fui monitor. E faço esqui há mais de 20 anos.

A política sem «marketing» não vai longe. Foi por isso que começou a ir para o ginásio?

Acha que ia para a ginástica por causa do «marketing»? Pelo amor de Deus! Não entende o quanto me tornaria infeliz se o fizesse pelo «marketing»? Era uma grande infelicidade. A política vive de verdade. Quando é baseada apenas no «marketing» percebe-se imediatamente o vazio que há por detrás.

Há pessoas que o acusam de só ter imagem.

Há pessoas que são capazes de dizer tudo. A minha carreira política é feita com base naquilo que distingue um bom político: o bom político tem um cargo executivo e desempenha-o bem. Claro que com dotes de oratória, agudezas de espírito e observações inteligentes também se é bom deputado. O que me dá estatura foram seis anos de Governo. É a minha obra que me habilita.

Uma pessoa pode ser excelente político, mas se tiver uma péssima imagem não vai longe.

Está completamente enganado. Quantos primeiros-ministros quer que lhe aponte que foram excelentíssimos políticos e têm, pelos critérios estéticos, uma péssima imagem? Quantos? Inúmeros!

Compra a sua roupa?

Sim, claro, nunca precisei na vida que alguém me fizesse isso. Tenho a felicidade de vestir o mesmo número de quando tinha 20 anos. Continuo a usar as mesmas Levis 501. As peças que mais gosto são aquelas que envelhecem com classe.

Gasta dinheiro em produtos para a pele? Contra o envelhecimento?

Eu? Pelo amor de Deus! Claro que não. Sou dos que se resignam com o envelhecimento. Esse é, aliás, o primeiro passo para envelhecer bem: ter consciência do passar dos anos. Não há nada pior do que aqueles que envelhecem e pretendem ainda ser rapazes novos. Não sou um rapaz novo.

Não há nenhuma história que o tenha surpreendido enquanto foi ministro?

Há uma história engraçada de que me lembrei agora. No Euro 2004 fizemos uma campanha e procurámos apoios. O primeiro apoio que procurámos foi o...

Ronaldo?

Sim, que é, aliás, uma simpatia. Aquilo nunca mais atava nem desatava e um dia vi o Paulo Sousa na televisão a falar do Ronaldo, de quem era muito amigo. E pensei: «Olha, mas este homem conhece o Ronaldo». Liguei-lhe e ele no dia a seguir arranjou o Ronaldo. Mas, um dos apoios que arranjámos para a nossa candidatura ao Euro 2004 foi o Pavarotti. Fomos ter com ele a Londres, para dar uma conferência de imprensa. Entrámos no camarim e ele estava a beber whisky, e cinco minutos antes da conferência não sabia o que tinha para dizer aos jornalistas. Lá lhe expliquei a razão do encontro, já que o mesmo tinha sido combinado com a empresa que o agencia. Ele não estava a perceber bem qual era o seu papel... Em dois minutos expliquei-lhe o que gostaríamos que ele dissesse... Acontece que, quando fomos para a conferência de imprensa, a primeira coisa que fez quando se sentou foi dizer (e o microfone já estava aberto) «Eu devo estar bêbado para estar a fazer isto».

A política vive da verdade. Quando é baseada apenas no «marketing» percebe-se logo o vazio atrás

Como se começa a interessar pelas questões do Ambiente?

Chego ao Ambiente depois de ter feito uma pós-graduação em engenharia sanitária, com o professor Lobato Faria. Infelizmente já desaparecido. Eu era um deputado da província, de Castelo Branco...

Tinha pouca experiência...

Tinha sido considerado o deputado revelação do EXPRESSO nesse ano. Lembro-me que fui o primeiro deputado a falar sobre sida na Assembleia e a dizer que se devia perseguir a doença e não o doente. Na altura, havia quem defendesse o contrário. Sempre disse que isso seria o primeiro passo para ninguém infectado aceder aos centros de Saúde, porque passavam a ser vigiados, suspeitos e atirados para um gueto.

Ainda se recorda do seu primeiro discurso? Estava muito nervoso?

Sim. Foi um discurso sobre as consequências do Orçamento de Estado para o distrito de Castelo Branco. Foi da bancada, com os nervos habituais de quem faz isso pela primeira vez. Para tudo há uma primeira vez e quem se mete nisto é para se mandar para a frente. Mas lembro-me bem. Ainda hoje, fico algo nervoso quando tenho de falar no Parlamento, nos momentos críticos. Aquela casa é muito exigente.

Também fica nervoso quando tem de entrar em directo na televisão?

Também. A televisão tanto dá como tira, faz e desfaz. Já se sabe. A televisão mata. Quem não tem nada para dizer aguenta cinco segundos. Trinta segundos é uma eternidade, e naqueles 25 percebe-se bem quem não tem nada para dizer. Eu estive um ano e meio na televisão a fazer debates (não monólogos, como o dr. Pacheco Pereira) e eram 20 minutos. Portanto, não dava para ser uma colecção de clichés, nem de «soundbytes», era preciso expor. Era um desafio.

Disse que se estivesse a pensar há muito tempo em ser líder não se teria inscrito num mestrado. Disse também que quando foi ministro se sentia «sugado» pelo Estado. Então, o que o leva a avançar para a liderança do PS? E, eventualmente, a primeiro-ministro?

Certamente, o gosto pela política e o sentido do dever. Depois, quem anda nesta vida chega a uma altura em que tem de responder a certas perguntas. Alguém muito inteligente disse: «Pior não é quando aceitamos namorar a ideia, é quando nos deixamos namorar pela ideia». Tenho recordado nestes últimos dias aquele lema, mote de vida do professor Sousa Franco: «Quem tem medo das tempestades acaba a rastejar». Faz-me muito lembrar os versos de Pessoa: «Não temo o que virá. Venha o que vier nunca será maior do que a minha alma».

Essa necessidade de citar autores não é excessiva? É que é fácil, de facto, citar autores...

Acha fácil?

É ler.

Não é só isso.

Gostar do que se lê e identificar-se.

As melhores palavras que encontro para dizer o que penso são estas. E também porque lhes rendo homenagem e porque me inspiram. Estes versos sempre me perseguiram. A primeira vez que li isto foi há muitos anos. Por que será que me ocorreram agora? Percebe? E, de cada vez que regresso a eles, reencontro-os e redescubro-os em diferentes tonalidades.

A televisão mata. Quem não tem nada para dizer **só aguenta cinco segundos**. Eu estive lá ano e meio

A fazer esqui, desporto que pratica há mais de vinte anos. Na página ao lado, em Washington, em 1989, com companheiros de um curso para jovens líderes políticos

Não receia que o ciclo não lhe seja favorável?

Acho que o ciclo é favorável. Este Governo vai arrastar-se nos próximos dois anos. Isto já era muito difícil para o Governo com Durão Barroso, que tinha autoridade e legitimidade políticas para dar seguimento e coerência, sem ele vai ser pior.

Defendia eleições antecipadas? Temos lido que o seu grupo ficou contente com a solução do Presidente.

Não acredite em tudo o que lê. Isso é mentira. É que, possivelmente, muitos julgam os outros à sua própria medida. Sempre achei que nesta altura devia haver eleições antecipadas e estive imediatamente ao lado de Ferro Rodrigues. Quando é substituído um primeiro-ministro não é obrigatório que haja eleições antecipadas. Mas acho que a solução em concreto obrigava a eleições antecipadas.

Pelo facto de ser Santana Lopes?

Também por ser o Santana Lopes, as dúvidas sobre a credibilidade da solução, em relação ao facto de ter vindo de fora, de não ser nem deputado nem membro do Governo, de ser o presidente da Câmara de Lisboa e só ter feito meio mandato. E, por outro lado, devido ao descontentamento que existia no país. Tudo isso devia ser somado e era preferível para o país ter eleições.

Também diz que o Presidente traiu aqueles que votaram nele?

Não. O Presidente decidiu de forma contrária à que os socialistas esperavam que decidisse. Está no seu direito. Acho que tudo isto aconselharia eleições antecipadas. Este Governo será sempre um Governo fraco porque está diminuído na sua autoridade. E a autoridade em democracia é a legitimidade, é o voto popular. Isso é uma das cruzes que o primeiro-ministro carrega. Mas tem outras.

Nomeadamente a vida pessoal. Por que é que agora é a esquerda a criticar este tipo de coisas?

Pertenço a uma esquerda muito tolerante do ponto de vista dos costumes.

É a esquerda que qualifica Santana como irresponsável, inconstante...

Ser irresponsável é outra matéria! A cruz que o primeiro-ministro carrega não é essa. É a cruz de ter tido o pior falhanço de que há memória na Câmara de Lisboa.

Por que acha que ele falhou?

Tomemos como critérios da avaliação política os critérios do próprio dr. Santana Lopes quando se candidatou e elegeu como prioridades a requalificação do Parque Mayer e a construção do Túnel das Amoreiras. O Túnel das Amoreiras está ali já há

mais de um mês parado. O comportamento da Câmara de Lisboa na condução daquela obra foi leviana. Não cuidou antes de cumprir aquilo a que a legislação obrigava. E, por ter sido mal conduzido, há uma responsabilidade política, não acha? Podemos dizer: «As coisas correram mal. Paciência». Mas outra coisa, mais feia, é fingirmos que não é nada connosco. E já não falo em casinos, feiras populares em Monsanto e coisas do género. Esta é uma cruz muito pesada. Outra é não ter cumprido o mandato até ao fim.

Está, portanto, convencido de que vai ganhar as próximas legislativas, se for eleito secretário-geral do PS, uma vez que Santana Lopes, com tantos defeitos...

Quem está convencido que vai ganhar eleições?

Se considera o adversário uma fraude política, obviamente que acredita que vai ganhar, ou não?

Com certeza. Se não acreditasse, o melhor era não me meter em nada. Mas em democracia nunca temos a certeza da vitória. Só temos uma certeza, que é saber estar à altura da vitória, corresponder ao que as pessoas esperam de nós. Santana Lopes podia não ter aceite, apenas. Se quer saber, eu não teria aceite.

Acha que os mandatos são para se cumprir?

Com certeza. Não acha que isso é importante?

Então não pode ter ficado contente com a demissão de António Guterres, em 2001.

São coisas diferentes.

Também estava a meio do mandato.

Guterres demitiu-se não porque tivesse um outro convite, não porque tivesse uma alternativa, mas porque achava, em consciência, que não tinha condições para continuar a liderar um Governo minoritário.

Freitas do Amaral é, hoje, quase uma bandeira da esquerda?

Não é bandeira! É um senhor do pensamento, mesmo os esquerdistas preconceituosos reconhecem isso. Quando vejo um homem culto e inteligente dizer que um livro o marcou presto atenção. A propósito de Freitas, um dia, ia eu para Lisboa de comboio, estava a ler um suplemento literário do «Diário de Lisboa» que se referia ao relançamento em Portugal da obra da Karl Popper, **A Sociedade Aberta e Os Seus Inimigos**. A esse propósito entrevistavam o Freitas do Amaral, que a dada altura dizia: «Tenho muita pena de só ter lido esse livro quando tinha 32 anos, se o tivesse lido antes...» Eu tinha 32 anos e fui a correr comprar o livro. Foi nessa altura que virei um pouco popperiano.

O que distingue, hoje, o PS do PSD?

Fundamentalmente, o que distingue a esquerda da direita: a preocupação com o valor da igualdade, da promoção do valor da igualdade, que leva a várias escolhas. Não é mais escolhas apenas para aqueles que já têm muita escolha, como nós temos; é para aqueles que não as têm. A direita vê a hierarquia social como natural, a esquerda olha para as diferenças mas procura que todos tenham igualdade de oportunidades, igualdade nas escolhas. Essa ideia de que temos uma sociedade muito igual é uma ideia falsa. As desigualdades estão a aumentar no nosso país. Sabe quanto ganha o director-geral dos Impostos em Portugal? Ganha mais que o Presidente da Comissão Europeia! Sabia disso?

E acha mal, se ele conseguir dar o retorno ao Estado?

Acho péssimo! Escandaloso! Os ordenados dos gestores, em Portugal como no resto do mundo, têm subido de forma verdadeiramente chocante, uma lógica de aproveitamento das suas posições. Estão a ganhar de mais.

Qual é a sua posição sobre a liberalização das drogas?

Quando fui ministro, fui responsável por uma grande alteração do enquadramento legal da questão da droga: a assunção de que devíamos descriminalizar o consumo de droga.

Nunca fumou um charro na juventude?

Fui um jovem do meu tempo.

Acha que os políticos ganham mal?

Acho que na política tem que se pensar em ter condições que atraiam os melhores da sociedade à actividade política. Será muito negativo se por razões que têm a ver com o rendimento os melhores se divorciem da sua intervenção na política.

Será capaz de propor o aumento dos ordenados dos políticos?

Não acho que essa seja uma questão, no momento. Não acho que ganhe mal. Não ganho tanto como o director-geral das Contribuições e Impostos, mas o problema não é o meu ordenado, é o dele.

Quanto ganha, líquido, um deputado?

Cerca de 3.500 euros.

Diz que ficou marcado pelo divórcio dos seus pais. É divorciado. Acha que os seus filhos também sofreram?

Agora é um pouco diferente. O meu divórcio foi também muito triste. Felizmente, correu tudo muito bem...

No dia do seu casamento, chegou à porta-

Santana carrega a cruz de ter tido **o pior falhanço de que há memória em Lisboa**. E de ter saído a meio

Em 1999, durante a campanha para a organização do Euro 2004, com António Guterres e Rosa Mota no dia da formação do logótipo humano no Estádio Nacional; e, na página ao lado, com Paulo Sousa e Ronaldo

gem da auto-estrada e não tinha dinheiro nos bolsos...

É verdade. Fui a Ovar fazer a apresentação do candidato à Câmara, voltei e fui a casa vestir-me para o casamento. Troquei à pressa de roupa e quando cheguei à portagem (morava em Cascais) não tinha dinheiro. E só me ocorreu dizer a verdade: «Vou casar-me e não tenho dinheiro». A senhora disse: «Eu acredito». De facto estava ali numa figura ridícula. Mas voltando aos meus filhos. Hoje é muito diferente, temos uma nova família. Também há um aspecto político nisso...

Tanto que na orgânica deste Governo há um ministro para a Família.

Sim, mas há uma grande diferença entre a abordagem da família por uma certa direita e a abordagem pela esquerda. Não que-

Acho **escandalosos os ordenados dos gestores**, em Portugal como no resto do mundo. Ganham de mais

ro o regresso à chamada família tradicional, quero a nova família democrática. A família é muito importante. Mas atenção, a família do passado era baseada em desigualdade entre os cônjuges: o homem mandava, a mulher obedecia. Sei do que estou a falar: nas questões entre os meus pais era visível essa desigualdade. Mas também entre os pais e os filhos. A nova família é baseada na igualdade entre géneros e no respeito pelos direitos das crianças. Conheci a realidade do trabalho infantil, antes de se tornar um problema político e social. O regresso a essa família não desejo.

Defende a adopção de crianças por casais homossexuais?

Sou, nesses aspectos, muito liberal. Muito liberal. Em matéria de comportamentos. Todavia, há aí um aspecto para o qual não tenho posição porque não estudei suficien-

temente o assunto: o direito de um terceiro, a criança. Acho que nesse domínio há um papel do Estado. O Estado não pode deixar de emitir um juízo. Se me perguntar: casamento entre homossexuais? Não tenho nenhuma observação a fazer. Não digo que seja uma grande necessidade, mas sou muito liberal.

Se tudo correr como o previsto vamos ter dois candidatos a primeiro-ministro em 2006 que são divorciados.

Está a ver como as famílias hoje são diferentes? Bom, mas sabe-se lá se Santana Lopes não se casará antes ou eu...

Quem são as suas referências na política? Além de Guterres, claro.

António Guterres é, sem dúvida, a pessoa que mais me influenciou e me acompanhou. É um grande talento, uma inteligência vibrante, uma agudeza de espírito, uma capacidade para animar equipas, para liderar. Também tenho outras referências, grandes combatentes políticos e grandes homens de Estado: Mitterrand, Willy Brandt...

Não há uma preocupação excessiva da sua candidatura em fazer compromissos com as diversas sensibilidades do PS?

Toda a política é compromisso. Aquele livrinho do Bernstein que me levou à social-democracia tem uma frase extraordinária: «O reino da democracia é o reino do compromisso». O que é a democracia sem compromisso?

Se for compromisso excessivo, não é grande coisa. Aliás, criticou-o a Guterres.

É verdade. Acho que o compromisso é o que nos diferencia do fanático. A capacidade para entender os outros e podermos estabelecer o diálogo. Se fôssemos sempre inflexíveis estávamos sempre a desentendermo-nos por tudo e por nada. Mas tenho um feitio pouco dado ao compromisso. Faço um grande esforço para me inclinar para esse lado. Porque quando acho que tenho razão também sou um animal feroz.

Falou com Guterres antes de decidir avançar?

Só falei com ele depois. Infelizmente, ele estava em África. Teria gostado de ter falado com ele antes.

O Estado não pode deixar de emitir um juízo quanto à **adopção por casais homossexuais**

Com o guru...

Não é guru. É mais um amigo e conselheiro.

Já alguma vez se olhou ao espelho e reconheceu nos seus olhos «aquele brilhozinho» que dizia ver em Guterres e que, na sua opinião, distingue os grandes políticos?

Nunca somos bons juízes de nós próprios. Outros dirão se tenho esse brilho nos olhos. Às vezes tenho tanta certeza, tanta confiança, não tenho dúvidas de qual o caminho...

Falou com os seus filhos?

Não, são muito pequenos. Falei com a minha ex-mulher... Mas quando se vai para essas conversas já se está decidido.

Sabe cozinhar?

Nada. Tenho aquele pavor que o Fellini tinha quando se aproximava da cozinha: acho que o fogão pode explodir. Eu vivia com o meu pai, comíamos fora.

Vai à missa?

Não. Sou cristão, não católico. Tenho uma religiosidade própria.

E ao futebol?

Raramente. Vou aos jogos da selecção. E sou do Benfica.

Lê banda desenhada?

Sou fã da Mafalda e agora, graças ao meu filho, descobri o Calvin & Hobbes, que é, de facto, fantástico.

Beleza, para si, é fundamental?

Está a citar Vinicius de Moraes, «Receita de mulher»: «As feias que me perdoem/ Mas beleza é fundamental». Sim, também sou um esteta.